

# O SENTIDO NA LINGUAGEM: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO ARBITRÁRIO DO SIGNO EM FERDINAND DE SAUSSURE

Flávio Rômulo Alexandre (UNICAP)

fxdraw@gmail.com

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar o sentido na linguagem a partir das discussões sobre a arbitrariedade do signo linguístico percebidas na fala do personagem Marcelo, da obra “Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias”, da autora Ruth Rocha. Essa publicação, destinada ao público infantil, que teve sua primeira edição no ano de 1976, apresenta o comportamento linguístico da criança em tentar atribuir novos sintagmas, a partir de termos conhecidos, ao sintagma já existente, indo assim de encontro com a arbitrariedade, o primeiro princípio do signo linguístico presente no Curso de Linguística Geral. (SAUSSURE, 2006). Desde o nascimento, o sujeito é mergulhado no sistema linguístico de sua comunidade, sendo-lhe a língua imposta, não é o falante que determina o signo, é o sistema que se sobrepõe. Os questionamentos do personagem Marcelo sobre a relação nome/conceito, ou, no dizer de Saussure, significante/significado, parecem uma tentativa do sujeito em provocar um engessamento nessa dicotomia constituinte do signo linguístico. Saussure alertava que o signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. O personagem Marcelo, no entanto, tenta atrelar a coisa a uma palavra que encontre sentido em uma relação funcional ou de natureza constituinte no mundo real. A arbitrariedade do signo, ao contrário, não define um vínculo do signo com o mundo, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário.” (SAUSSURE, 2006:81)

Palavras-chave: Linguagem, língua, arbitrariedade do signo linguístico, sentido.

## 1. Introdução

Desde o nascimento, o sujeito é mergulhado na linguagem e, por conseguinte, no sistema linguístico de sua comunidade, sendo-lhe a língua imposta, não é o falante que determina o signo, é o sistema que se sobrepõe. “Portanto, se há um contrato, uma convenção, em se tratando de língua, não significa dizer que as leis de tal contrato sejam feitas por alguém, mas, sim, que a elas estão submetidos os falantes da língua.” (NÓBREGA, 2013, p. 130)

Segundo Saussure (2006), a língua (*langue*) é parte fundamental para os estudos da linguagem, ela é que lhe proporciona unidade, sendo a sua parte social, enquanto a fala (*parole*) sua parte individual.

Para nós, ela [a língua] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (idem, p.17) [acréscimo nosso]

Nossa discussão gira em torno da linguagem, destacando o sistema linguístico como produtor de sentidos soberano à vontade dos indivíduos, que não pode desordená-lo, com risco de provocar a impossibilidade na comunicação caso suas leis internas sejam ignoradas. Desse modo, analisamos os questionamentos acerca da língua portuguesa, do personagem Marcelo, do conto “Marcelo, marmelo, martelo” de autoria de Ruth Rocha (2011), uma criança supostamente entre cinco e oito anos de idade. Julgamos oportuno discutir o princípio da arbitrariedade do signo, cuja propriedade é inerente ao sistema, como produtor de sentido ao lado da noção de valor linguístico.

A língua usada pela massa falante é o objeto da ciência linguística, sendo uma herança passada de geração em geração. “De fato, nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal.” (idem, p.86) Dessa assertiva de Saussure decorre o caráter imutável do signo linguístico: resistir a ação do tempo. Porém, sabemos que as leis e normas existentes podem ser modificadas, mas as mudanças só podem ocorrer no meio social e com passar do tempo, não é algo que pode ser estabelecido individualmente e de uma hora para outra.

É na perspectiva de algo que não sofre mutações individualmente e repentinamente que nos voltamos para a língua e trazemos os questionamentos do personagem Marcelo sobre a relação nome/sentido, ou, no dizer de Saussure, significante/significado, uma de suas principais dicotomias, como uma tentativa do sujeito/personagem do conto infantil em provocar uma espécie de “engessamento” entre a coisa e a palavra.

Segundo Saussure (2006), o signo linguístico é uma entidade psíquica composta de dois elementos intimamente unidos: significante (imagem acústica) e significado (conceito).

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos. (idem, p.80)

Essa lei do sistema linguístico é questionada pelo personagem Marcelo que chega afirmar: “Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas.” (ROCHA, 2011, p. 11)

Com essa afirmação, o personagem que anteriormente pensou que latim fosse língua de cachorro, mas recebeu esclarecimento do pai que o latim era uma língua muito antiga, continua seus questionamentos sobre uma relação de sentido nos signos linguísticos, baseada em uma possível união entre a matéria e o conceito.

E Marcelo continuou pensando:

Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim. (idem, p.13)

Quando Marcelo cria suas próprias conclusões e passa a nomear tudo como ele acha que deveria ser, ele assume uma posição arbitrária diante do sistema linguístico, tentando se fazer valer individualmente do papel que cabe a um dos princípios do signo linguístico: a arbitrariedade. Cadeira vem do grego *καθédρα* (*kathédra*) que se originou do latim *cathédra* que significa assento, banco. O personagem nomeia o objeto pela ação de sentar nomeando-o de sentador. Marcelo forma palavras utilizando-se do sufixo [dor], usado na língua portuguesa para formar substantivo a partir do verbo, nesse exemplo a palavra é derivada do verbo sentar

e o sufixo [eiro] para forma substantivos a partir de outro substantivo. Esses nomes não fazem parte do uso coletivo isso porque a língua situasse no quadro social ela possui uma fixidez não só pelo uso social como também porque está situada no tempo. Como afirma Saussure a língua só se altera sob a influência de todos os agentes nunca por um indivíduo.

## 2. Arbitrariedade do signo e sentido

O conceito de arbitrariedade do signo define-se pela relação estabelecida entre significante e significado, a qual permite a compreensão do signo linguístico e da inexistência de uma razão ou tempo histórico na língua que o justifique.

A noção de arbitrariedade também reforça a ideia de que não há “origem” para os termos da língua porque o contrato primitivo se confunde com o que se passa todos os dias na língua, melhor dizendo, o momento do “acordo” não é distinto dos outros e, ainda mais importante, ao se deixar deter pela questão da origem, deste momento primeiro em que os acordos foram feitos, deixa-se de pensar o essencial que, para Saussure seria: 1) que um sistema de signos, como o da língua é recebido passivamente pelas sucessivas gerações; 2) que em todo caso um sistema de signos terá por característica ser transmitido em condições bastante diferentes daquelas que o constituíram; 3) que o sistema ao se transmitir se altera tanto do lado do significante quanto do significado. (NÓBREGA, 2013, p. 131-132)

Conforme afirmamos anteriormente, Saussure (2006) alertava que o signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. O personagem Marcelo, no entanto, tenta atrelar a coisa a uma palavra que encontre sentido em uma relação funcional ou de natureza constituinte no mundo real, a exemplo de sentador e cabeceiro.

A arbitrariedade do signo, ao contrário, não define um vínculo do signo com o mundo, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.*” (SAUSSURE, idem, p.81) O princípio da arbitrariedade estabelece que não há uma relação lógica ou analógica entre a forma e o significado. Todavia, a semelhança de sentidos entre a forma sintagmática “cabeceiro” e seu significado “lugar para colocar a cabeça” percebida pela união do radical “cabec” com o sufixo nominal “eiro”, enquanto lugar onde se guarda algo (CUNHA e CINTRA, 2008) observada no exemplo: “(...) E **traveseiro**? Devia chamar **cabeceiro**, lógico!” (ROCHA, 2011, p. 13) (grifo nosso), confirma a tentativa do personagem Marcelo em alterar o sintagma original *traveseiro* a partir de uma relação lógica funcional estabelecida no mundo entre a palavra e a coisa. Porém, pelo princípio da arbitrariedade o sentido da palavra *traveseiro* não está relacionado à sequência sintagmática que o forma, mas a ideia que representa.

O movimento na língua realizado por Marcelo também encontra explicação no que Saussure (2006) menciona como a existência das solidariedades sintagmáticas: “quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem.” (idem, p.148) Isso implica em dizer que a construção “cabeceiro” realizada pelo personagem representa uma combinação de elementos solidários (prefixo e sufixo) que isoladamente inexistem mas tem seu valor quando juntos em uma unidade superior (cabeceiro = cabec + eiro).

De acordo com Nóbrega (2013, p. 131), “é quando pensamos na arbitrariedade, na formação social da língua que podemos dizer, como Saussure o fez, que ela escapa ao sujeito falante, pois escapa à sua vontade. Vontade de transformá-la e até mesmo de produzir um sentido único.” No trecho, “Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo.

E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala?” (ROCHA, 2011, p. 13), por exemplo, parece que Marcelo discute os termos bala, belo, bule e bolo não terem o mesmo sentido redondo de bola, tendo em vista a semelhança entre os signos.

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2006, p.83)

Nóbrega (2013) esclarecendo os estudos de Saussure afirma que “conforme está colocado no CLG, o que rege a relação entre significante e significado é uma convenção, um arranjo social, sem que se possa explicar 'racionalmente' como tal ligação se dá.” (idem, p. 129) Essa consideração está presente no discurso do pai do personagem: “Marcelo, todas as coisas tem um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome, porque, senão, ninguém se entende...” (ROCHA, 2011, p. 16) As discussões em torno da arbitrariedade do signo, faz Saussure reconhecer a possibilidade de graus de motivação entre significante e significado, o que indicaria que a relação entre essas estruturas dicotômicas não seria sempre tão arbitrária.

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: *o signo pode ser relativamente motivado*. (SAUSSURE, 2006, p.152)

Saussure menciona, assim, a existência do arbitrário absoluto e do arbitrário relativo. O primeiro se refere à inexistência de um vínculo natural entre significante e significado, e o segundo refere-se a possibilidade dos signos evocarem os termos que o compõem ou que estão a eles associados. Por exemplo, o termo “cobridor” utilizado pela mãe de Marcelo ao definir como seria a nova casinha do cachorro após ter sido destruída por um incêndio: a casinha seria marrom, com uma porta na frente e com um cobertor azul: “É sim! Toda marronzinha, com a entradeira na frente e um cobridor bem azulzinho...”. (ROCHA, 2011, p.24) A palavra “cobridor” é relativamente arbitrária assim como a palavra macieira, porque ambas evocam as palavras simples que as compõem, cobrir e maçã, respectivamente, e, ao mesmo tempo, evocam termos associados com o mesmo sentido: cobridor, apagador, abridor, abanador (todos servem para algo); macieira, mangueira, bananeira, jaqueira (todos possuem sentido de árvore frutífera).

Dessa maneira, é possível que o personagem Marcelo, valendo-se do arbitrário relativo, associou os nomes as coisas oferecendo-lhes sentido. Destacamos, porém, que a ação do personagem apenas foi possível, porque a língua permite esse movimento. “(...) Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?” (ROCHA, 2011, p.16) O indivíduo pensa que tudo pode, mas é/está submetido às leis do sistema linguístico, é ela quem norteia suas ações, ou seja, é o sistema que possibilita as “criações” linguísticas, não é qualquer palavra, mas as palavras permitidas pelo sistema.

Os diversos sistemas linguísticos, segundo Saussure (2006), baseiam-se na irracionalidade da arbitrariedade do signo. Porém, é o homem que “logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado.” (idem, p. 154) Tal como age Marcelo: “Sabem o que eu vi na rua? Um **puxadeiro** puxando uma **carregadeira**. Depois, o puxadeiro fugiu e o **possuidor** ficou

danado.” (ROCHA, 2011, p.18) (grifos nossos)

No trecho acima retirado do diálogo de Marcelo com seus pais, o personagem tenta reproduzir uma lógica para o sistema, mas não é compreendido pelos pais, e, provavelmente, pelo leitor, que precisa do apoio da imagem para compreender o trecho.



Em suma, “o signo é arbitrário porque nada de fora o explica, ele não tem explicação e não pode ser compreendido senão dentro do sistema da língua que tem sua ordem própria.” (NÓBREGA, 2013, p. 130)

E é dentro do sistema da língua, a partir da noção de valor linguístico, que o sentido dos signos se estabelece.

(...) Assim, o valor que um termo tem em relação aos outros termos do sistema linguístico é essencial para o estudo do significado. (...) Cada palavra de uma língua tem seu conteúdo semântico influenciado pelo conteúdo semântico das outras palavras dessa língua, e todas as palavras, por se relacionarem entre si, fazem da língua um sistema estruturado. (OLIVEIRA, 2008, p.60)

As considerações de Saussure marcam o período estrutural dos estudos semânticos, no qual as palavras passam a ser percebidas “não mais como simples denominações, cujo *sentido*, é tributário de conceitos ou objetos preexistentes, mas como os elementos ou *termos* de um sistema de relações lexicais, de onde eles extraem sua *significação diferencial* ou *valor*.” (TAMBA, 2006, p. 21).

## **Conclusão**

Concluimos, assim, que o sentido na linguagem encontra em Saussure fundamentos na discussão sobre a arbitrariedade do signo linguístico, no instante em que, independente da vontade individual do sujeito os signos existem e são carregados de sentido. Não se pode criar novos termos, novas palavras de uma forma empírica sem estar ligado a um grupo social, pois os signos surgem em consonância com o fator tempo e o meio social. Quando se cria signos isolados independentes dentro do sistema linguístico deixa o indivíduo separado socialmente não havendo compreensão da comunicação porque perde-se o sentido uma vez que este não é compartilhado. A história de Marcelo ilustra bem como é difícil a compreensão por parte dos participantes de uma língua que não conhecem os termos usados apenas por um único indivíduo. Esse fato confirma a afirmação de Saussure de que o sistema linguístico é complexo, e aqueles que o utilizam ignoram suas leis. “Não se poderia conceber mudar uma transformação como tal sem a intervenção de especialistas, gramáticos, lógicos etc.; a experiência, porém, mostra até agora as intervenções nesse sentido não tiveram êxito algum.” (SAUSSURE, 2006, p. 88)

## **Referências bibliográficas**

TERA, Ernani. Curso prático de gramática. 4 ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

NÓBREGA, Mônica. O ponto de vista do sistema: possibilidade de leitura da linguística geral de Ferdinand de Saussure. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Manual de semântica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROCHA, Ruth. Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias. Rio de Janeiro: Salamandra, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 27 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

TAMBA, Irène. A semântica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.